

LIÇÃO 6 - Quatro Sentidos do Termo Necessário. Seu Primeiro e Próprio Sentido. Coisas Imóveis, Embora Necessárias, São Isentas de Coerção

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 5: 1015a 20-1015b 15

“ 416. Necessário significa aquilo sem o qual, como causa contribuinte, uma coisa não pode ser ou viver; por exemplo, a respiração e o alimento são necessários para um animal porque ele não pode existir sem eles.

417. E significa também aquilo sem o qual o bem para o homem não pode ser ou vir a ser, e aquilo sem o qual não se pode livrar ou permanecer livre de algum mal; por exemplo, a ingestão de algum medicamento é necessária para que alguém não esteja em sofrimento, e navegar para Egina é necessário para que alguém possa coletar dinheiro.

418. Novamente, significa o que aplica força e a própria força, e isso é algo que dificulta e impede, em oposição ao desejo e à escolha. Pois aquilo que aplica força é dito ser necessário, e por essa razão qualquer coisa necessária também é dita ser lamentável, como Eveno diz: "Pois toda coisa necessária é triste." E a força é um tipo de necessidade, como Sófocles diz: "Mas a força me obriga a fazer isso." E a necessidade parece ser algo inculpável, e com razão, pois é contrária ao movimento que provém da escolha e do conhecimento.

419. Novamente, dizemos que qualquer coisa que não pode ser de outra forma é necessariamente assim.

420. E a partir desse sentido do termo necessário todos os outros sentidos são derivados. Pois tudo o que é forçado é dito fazer ou sofrer algo necessário quando não pode fazer algo de acordo com sua inclinação como resultado da força, como se houvesse alguma necessidade pela qual a coisa não pudesse ser de outra forma. O mesmo se aplica às causas contribuintes da vida e do bem. Pois quando, em um caso, o bem, e no outro, a vida ou o ser, é impossível sem certas causas contribuintes, estas são necessárias; e essa causa é um tipo de necessidade.

421. Além disso, a demonstração pertence à classe das coisas necessárias, porque tudo o que foi demonstrado no sentido estrito não pode ser de outra forma. A razão para isso são os princípios, pois os princípios a partir dos quais um silogismo procede não podem ser de outra forma.

422. Ora, das coisas necessárias, algumas têm outra coisa como causa de sua necessidade e outras não, mas é por causa delas que outras coisas são necessárias. Portanto, o que é necessário no sentido primário e próprio é o que é simples, pois isso não pode ser de mais de uma maneira. Logo, não pode estar em um estado e em outro; caso contrário, haveria mais de uma maneira. Se, então, existem alguns seres que são eternos e imóveis, neles nada de forçado ou contrário à natureza se encontra.

COMENTÁRIO

Necessário

827. Tendo distinguido os diferentes sentidos dos termos que significam causas, o Filósofo agora apresenta os diferentes sentidos de um termo que designa algo pertencente à noção de causa, ou seja, o termo necessário; pois uma causa é aquilo a partir do qual outra coisa se segue necessariamente. Com relação a isso, ele faz duas coisas. Primeiro, distingue os diferentes sentidos do termo necessário. Segundo (836), reduz todos eles a um sentido primário ("E a partir desse sentido").

Na primeira parte, ele apresenta quatro sentidos em que o termo necessário é usado:

Primeiro, significa aquilo sem o qual algo não pode ser ou viver; e mesmo quando isso não é a causa principal de algo, ainda é uma causa contribuinte. A respiração, por exemplo, é necessária para um animal que respira, pois ele não pode viver sem ela. E, embora a respiração não seja a causa [principal] da vida, ainda assim é uma causa contribuinte, na medida em que ajuda a restaurar o que se perde e impede o consumo total da umidade, que é uma causa de vida. Assim, coisas desse tipo são ditas necessárias porque é impossível que existam sem elas.

828. E também significa (417).

Em seguida, ele apresenta um segundo sentido em que as coisas são ditas necessárias. Diz que, de uma segunda maneira, são chamadas necessárias aquelas coisas sem as quais algum bem não pode ser ou acontecer, ou algum mal não pode ser evitado ou expulso. Por exemplo, dizemos que "a ingestão de algum remédio", ou seja, um medicamento laxante, é necessária, não porque um animal não possa viver sem ela, mas porque é necessária para expelir algo, a saber, um mal, uma doença, ou até mesmo para evitá-la. Pois isso é necessário "para que alguém não esteja em aflição", ou seja, para evitar ficar doente. E, similarmente, "navegar para Egina", ou seja, para um lugar específico, é necessário, não porque um homem não possa existir sem isso, mas porque ele não pode adquirir um bem, como dinheiro, sem fazer isso. Assim, tal viagem é dita necessária para obter uma quantia em dinheiro.

829. Novamente, significa (418).

Aqui, ele apresenta um terceiro sentido em que as coisas são ditas necessárias. Diz que qualquer coisa que exerce força, e até mesmo a própria força, é chamada de necessária. Pois a força é dita necessária, e aquele que é forçado é dito fazer por necessidade o que é compelido a fazer. Ele mostra o que significa algo que exerce força tanto no caso dos seres naturais quanto no dos seres dotados de vontade. Nos seres naturais, há um desejo ou uma inclinação em direção a algum fim ou objetivo, ao qual corresponde a vontade de uma natureza racional; e por isso a inclinação natural é chamada de apetite. Pois ambos, ou seja, tanto o desejo de uma inclinação natural quanto a intenção da vontade, podem ser impedidos e evitados — impedidos na execução de um movimento já iniciado e evitados de iniciar o movimento. Portanto, aquilo que é forçado "é feito em oposição ao desejo", ou seja, contra a inclinação de um ser natural; e é "algo que impede a escolha", ou seja, o fim intencionado na execução de um movimento voluntário já iniciado, e também algo que o impede de começar. Outro texto diz: "e isso é segundo a impetuosidade", ou seja, segundo o impulso. Pois a força é encontrada quando algo é feito através do impulso de um agente externo e é oposto à vontade e ao poder do sujeito. E aquilo que é forçado resulta de um impulso que aplica força.

830. A partir dessa definição do forçado, ele tira duas conclusões. A primeira é que tudo que é forçado é triste ou lamentável. Ele prova isso usando a afirmação de um certo poeta ou mestre, dizendo que tudo que é necessário ou forçado é triste ou lastimável; pois a força é um tipo de necessidade, como diz o poeta Sófocles: "A força", ou seja, a necessidade, "me compeliu a fazer isso". Pois foi dito que a força é algo que impede a vontade; e as coisas que são opostas à vontade causam tristeza, porque a tristeza tem a ver com coisas que nos acontecem contra nossa vontade.

831. A segunda conclusão é que qualquer coisa que é necessária é corretamente dita como sendo sem culpa ou reprovação. Pois é dito que a necessidade merece perdão em vez de culpa; e isso é verdade porque merecemos ser culpados apenas pelas coisas que fazemos voluntariamente e pelas quais também podemos ser razoavelmente repreendidos. Mas o tipo de necessidade que diz respeito à força é oposto à vontade e à razão, como foi dito (829); e assim é mais razoável dizer que as coisas feitas pela força não estão sujeitas a culpa.

832. Novamente, dizemos (419).

Ele apresenta um quarto sentido em que as coisas são ditas necessárias. Diz que estar em tal estado que não pode ser de outra forma também chamamos de necessário, e isso é o que é necessário em sentido absoluto. As coisas necessárias nos primeiros sentidos, no entanto, são necessárias em sentido relativo.

833. Agora, o que é absolutamente necessário difere dos outros tipos de necessidade, porque a necessidade absoluta pertence a uma coisa em razão de algo que está íntima e estreitamente ligado a ela, seja a forma, a matéria ou a própria essência da coisa. Por exemplo, dizemos que um animal é necessariamente corruptível porque isso é um resultado natural de sua matéria, na medida em que é composto de contrários; e dizemos que um animal é necessariamente capaz de sentir porque isso é um resultado de sua forma; e também dizemos que um animal é necessariamente uma substância viva sensível porque essa é sua essência.

834. No entanto, a necessidade de algo que é necessário em sentido relativo e não absolutamente depende de uma causa extrínseca. E há dois tipos de causas extrínsecas — o fim e o agente. O fim é ou a existência tomada absolutamente, e a necessidade tomada desse fim diz respeito ao primeiro tipo; ou é a existência bem disposta ou a posse de algum bem, e a necessidade do segundo tipo é tomada desse fim.

835. Novamente, a necessidade que vem de um agente externo diz respeito ao terceiro tipo de necessidade. Pois a força existe quando uma coisa é movida por um agente externo para algo para o qual não tem aptidão por sua própria natureza. Pois se algo é disposto por sua própria natureza a receber movimento de um agente externo, tal movimento não será forçado, mas natural. Isso é evidente no movimento dos corpos celestes por substâncias separadas e no movimento dos corpos inferiores pelos superiores.

836. **E a partir disso** (420).

Aqui, ele reduz todos os sentidos em que as coisas são necessárias a um; e em relação a isso, faz três coisas. Primeiro (836), mostra que todos os tipos de necessidade encontrados na realidade pertencem a este último tipo. Segundo (838), mostra que a necessidade em questões de demonstração é tomada neste último sentido ("Além disso, demonstração"). Terceiro (839), tira um corolário do que foi estabelecido acima ("Das coisas necessárias").

Ele diz, portanto, primeiro, que todos os outros sentidos do termo necessário são de alguma forma referidos a este último sentido. Ele torna isso claro, primeiro, com referência à terceira maneira pela qual as coisas são ditas necessárias. Pois tudo que é forçado é dito fazer ou sofrer algo por necessidade com base no fato de que não pode agir por seu próprio poder devido à força exercida sobre ele por um agente; e isso é um tipo de necessidade pela qual não pode ser de outra forma do que é.

837. Em seguida, mostra que o mesmo ocorre com o primeiro e o segundo modos pelos quais se diz que algo é necessário: no primeiro modo, em referência às causas de viver e ser absolutamente; no segundo, em referência às causas do bem. Pois o termo necessário foi usado nesses outros sentidos: de um modo, para designar aquilo sem o qual algo não pode estar bem; de outro, para designar aquilo sem o que algo não pode viver ou existir. Portanto, a causa sem a qual algo não pode viver, existir, possuir um bem ou evitar um mal é dita necessária, supondo-se que a

noção primária de necessário deriva do fato de que algo não pode ser de outro modo.

838. **Além disso, a demonstração** (421).

Em seguida, mostra que o necessário, nas questões de demonstração, é tomado nesse último sentido, aplicando-se tanto aos princípios quanto às conclusões. Pois a demonstração é dita tratar de coisas necessárias e proceder de coisas necessárias. Diz-se que trata de coisas necessárias porque o que é demonstrado em sentido estrito não pode ser de outro modo. Ele diz "demonstrado em sentido estrito" para distinguir isso do que é demonstrado pelo tipo de demonstração que refuta um oponente, e não demonstra estritamente. No quarto livro (609), ele chamou isso de argumento *ad hominem*. Em demonstrações desse tipo, que refutam um oponente, concluímos o impossível a partir de certas premissas impossíveis. Mas, como nas demonstrações as premissas são as causas da conclusão – pois as demonstrações em sentido estrito produzem ciência, e esta só é obtida por meio de uma causa –, os princípios dos quais um silogismo procede também devem ser necessários e, portanto, não podem ser de outro modo. Pois um efeito necessário não pode vir de uma causa não necessária.

839. **Das coisas necessárias** (422).

Aqui, ele tira três conclusões dos pontos apresentados acima, uma seguindo-se da outra. A primeira é que, como nas demonstrações as premissas são as causas da conclusão e ambas são necessárias, segue-se que algumas coisas são necessárias de um de dois modos. Pois há (1) coisas cuja necessidade é causada por outra, e (2) outras cuja necessidade não tem causa; e tais coisas são necessárias por si mesmas. Isso é dito contra Demócrito, que afirmava que não se deve buscar as causas das coisas necessárias, como é afirmado no Livro VIII da *Física*.

840. A segunda conclusão é que, como deve haver um primeiro ser necessário do qual outros seres derivam sua necessidade (pois não pode haver regresso infinito nas causas, como foi mostrado no segundo livro (301)), esse primeiro ser necessário, que também é necessário no sentido mais próprio porque é necessário de todas as maneiras, deve ser simples. Pois coisas compostas são mutáveis e, portanto, podem ser de mais de um modo. Mas coisas que podem ser de mais de um modo podem estar ora de um modo, ora de outro, e isso é oposto à noção de necessidade; pois é necessário aquilo que não pode ser de outro modo. Logo, o primeiro ser necessário não pode estar ora de um modo, ora de outro, e, conseqüentemente, não pode ser de mais de um modo. Assim, ele deve ser simples.

841. A terceira conclusão é que, como o forçado é algo que é movido por um agente externo em oposição à sua própria natureza, e os princípios necessários são simples e imutáveis, como foi mostrado (422:C 840), então, se existem certos seres eternos e imutáveis, como as substâncias separadas, neles não deve haver nada forçado ou contrário à sua natureza. Ele diz isso para que não se cometa um erro quanto ao termo necessidade, uma vez que é predicado das substâncias imateriais sem implicar, por conta disso, que algo forçado seja encontrado nelas.